

# Biblos

Enciclopédia  
VERBO  
das Literaturas  
de Língua Portuguesa

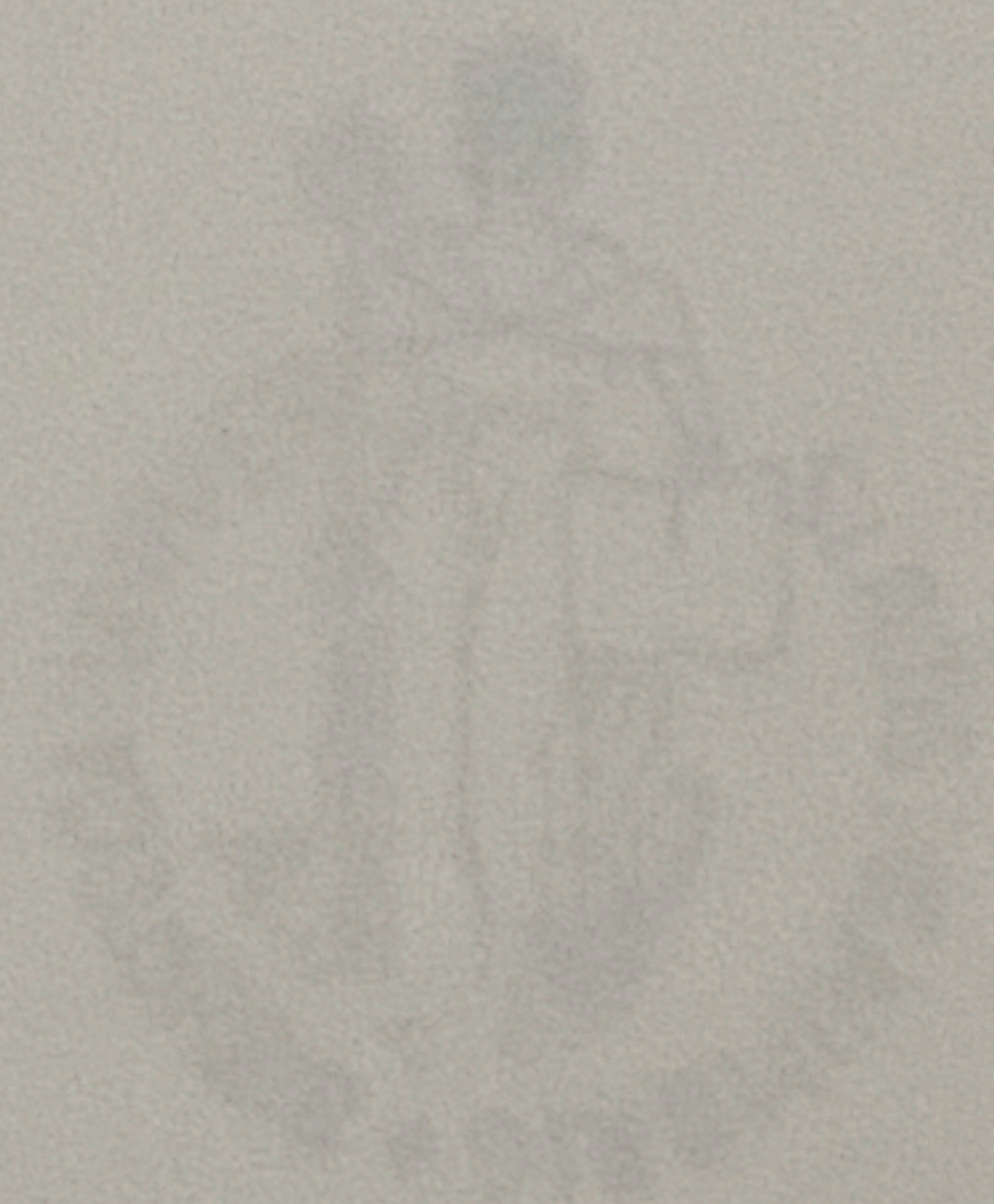
VERBO

# Biblos

Enciclopédia  
VERBO  
das Literaturas  
de Língua Portuguesa

Enciclopédia  
VERBO  
das Literaturas  
de Língua Portuguesa

1



272343 - 0

VERBO

S.L. 03: 869.013113

# Biblos

Enciclopédia  
VERBO  
das Literaturas  
de Língua Portuguesa

1



272348 -D

VERBO

NC-X690198468

NCR-745286

*Edição realizada  
sob o patrocínio da*

SOCIEDADE CIENTÍFICA  
DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

**Direcção**

JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES  
*(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)*

ANÍBAL PINTO DE CASTRO  
*(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)*

MARIA DE LOURDES A. FERRAZ  
*(da Faculdade de Letras — Universidade Clássica de Lisboa)*

GLADSTONE CHAVES DE MELO  
*(da Faculdade de Letras — Universidade Federal do Rio de Janeiro)*

MARIA APARECIDA RIBEIRO  
*(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)*

**Secretaria-Geral**

A cargo do  
Departamento de Enciclopédias da Editorial Verbo  
sob a direcção de João Bigotte Chorão

## COLABORADORES DO PRIMEIRO VOLUME

- Dra. Maria Fernanda de Abreu*  
*Dra. Maria Alice Pires de Aguiar*  
*Dra. Isabel Maria Coelho de Faria e Silva Côrte-Real de Albuquerque*  
*Dra. Isabel Adelaide Penha Dinis de Lima e Almeida*  
*Dr. Nelson Manuel Carvalho de Almeida*  
*Prof. Doutor Sérgio Rubens B. de Almeida*  
*Dra. Eloísa Alvarez*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Teresa Abelha Alves*  
*Dra. Maria do Céu Fortes Fraga Amaral Luís Amaro*  
*Dra. Marta Teixeira Anacleto*  
*Prof. Doutor Carlos Ascenso André*  
*Dr. Carlos Santarém André*  
*Prof. Doutor Artur Anselmo*  
*Dra. Sara Manuela Augusto*  
*Dr. Abel Barros Baptista*  
*Prof. Doutor José Oliveira Barata*  
*Dra. Isabel Maria Morujão de Beires*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria de Lourdes Belchior Pontes*  
*Prof. Doutor Vicenç Beltrán*  
*Dr. José Augusto Cardoso Bernardes*  
*Dra. Maria João Quirino Rosa da Cunha Borges*  
*Dr. Paulo Alexandre Esteves Borges*  
*Dr. Fernando Castelo Branco*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Helena Carvalhão Buescu*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Leonor Carvalhão Buescu*  
*Prof. Doutor José Manuel Díaz de Bustamante Alexandre Cabral*  
*Prof. Doutor Francisco da Gama Caeiro*  
*Dr. Adelino de Almeida Calado*  
*Prof. Doutor Abílio Hernández Cardoso*  
*Dr. Gilberto Manuel Gaspar Cardoso*  
*Prof. Doutor Alberto Duarte Carvalho*  
*Prof. Doutor Júlio Carvalho*  
*Prof. Doutor Aníbal Pinto de Castro*  
*Dra. Isabel Villares Cepeda*  
*Dr. Amândio César*  
*Prof. Doutor Guilhermino César*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Vânia Pinheiro Chaves*  
*Dr. João Bigotte Chorão*  
*Dr. Jorge Colaço*  
*Dra. Ângela Correia*  
*Dr. Joaquim Correia*  
*Leonel Cosme*  
*Dr. Odylo Costa Filho*  
*Prof. Doutor Afrânio Coutinho*
- Dr. Duarte Ivo Cruz*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Helena Ribeiro da Cunha*  
*Dra. Maria Luísa Malato Borralho Ferreira da Cunha*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Neyde Vieira da Cunha*  
*Dr. Pedro Balaus Custódio*  
*Dr. Américo António Lindeza Diogo*  
*Dr. João Dionísio*  
*Prof. Doutor Manuel Canellas de Castro Duarte*  
*Prof. Doutor Sílvio Edmundo Elia*  
*Dra. Elisa Pisco Nunes Esteves*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Anna Ferrari*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria de Lourdes A. Ferraz*  
*Dr. José Alberto Ferreira*  
*Prof. Doutor Manuel Pedro Ferreira*  
*Dra. Maria Ema Tarracha Ferreira*  
*Dra. Maria do Rosário Ferreira*  
*Dr. Manuel Simplício Geraldo Ferro*  
*Dr. Albano António Cabral Figueiredo*  
*Dr. Rafael Gomes Filipe*  
*Prof. Doutor Ettore Finnazi-Agrò*  
*Prof. Doutor João Almeida Flor*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Cândida Leite Georgopoulos*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Elsa Gonçalves*  
*Dra. Henriqueta Moniz de Almeida Gonçalves*  
*Dra. Virgínia Gonçalves*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Rosa Maria Goulart*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Carolina Maia Gouvêa*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Pilar Lorenzo Gradín*  
*Fernando Guedes*  
*Prof. Doutor Manuel Gusmão*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Hatherly*  
*Prof. Doutor Amadeu José de Figueiredo Carvalho Homem*  
*Dr. Eduíno de Jesus*  
*Dra. Maria Saraiva de Jesus*  
*Prof. Doutor Nuno Júdice*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Giulia Lanciani*  
*Dra. Cristina Mello Laranjeira*  
*Dr. José Luís Pires Laranjeira*  
*António Leitão*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Mafalda Leite*  
*Dra. Esther de Lemos*  
*Prof. Eugénio Lisboa*  
*Dra. Ana Cristina Macário Lopes*  
*Dra. Silvina Rodrigues Lopes*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Mercedes Brea López*  
*Dr. António Apolinário Lourenço*

Prof. Doutor Álvaro Manuel Machado  
Dra. Ana Maria Silva Machado  
Prof. Doutor António de Magalhães  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Rita Marnoto  
Prof. Doutor João Francisco Marques  
Dra. Ana Maria Mão-de-Ferro Martinho  
Dr. Fernando J. B. Martinho  
Dr. Fernando Cabral Martins  
Prof. Doutor José Victorino de Pina  
Martins  
Dra. Inocência L. S. Mata  
Doutor Domingos Maurício  
Prof. Doutor Wilson Brunel Meller  
Prof. Doutor Gladstone Chaves de Melo  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Teresa Delgado  
Mingocho  
Dr. José Carlos Miranda  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Ofélia Paiva Monteiro  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Teresa Morabito  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Paula Morão  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Fátima de Freitas Morna  
Prof. Doutor Aires Nascimento  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Dalma Braune Portugal  
do Nascimento  
Dra. Maria Victoria Navas  
Dra. Margarida Braga Neves  
Prof. Doutor António Resende Oliveira  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Cristina Maria Robalo  
Cordeiro Oliveira  
Dr. Fernando Matos de Oliveira  
Dra. Rosa Maria Nazaré Oliveira  
Dra. Maria Cristina Lopes da Silva  
Guimarães Pacheco  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Laura Cavalcante Padilha  
Prof. Doutor José de Almeida Pavão  
Dr. José Carlos Seabra Pereira  
Dr. Luís Alexandre da Silva Pereira  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Helena da Rocha  
Pereira  
Dra. Maria da Graça Pericão  
Prof. Doutor Sebastião Tavares de Pinho  
Prof. Doutor José Alves Pires  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Laura Bettencourt  
Pires  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Lucília Gonçalves  
Pires  
Dra. Maria da Natividade Carvalho Pires  
Dr. António Pedro Pita  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Valeria Bertolucci  
Pizzorusso  
Prof. Doutor José Maria da Cruz Pontes  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Helena Ureña  
Prieto  
Prof. Doutor Américo Costa Ramalho  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Ana Ramos

Dr. António Manuel Ribeiro Rebelo  
Prof. Doutor Luís de Sousa Rebelo  
Prof. Doutor Carlos António Reis  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Cristina Almeida Ribeiro  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Aparecida Ribeiro  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Clara Crabbé Rocha  
Prof. Doutor António Basílio Gomes  
Rodrigues  
Dr. Ernesto Rodrigues  
Prof. Doutor José Luís Rodrigues  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Idalina Resina  
Rodrigues  
Prof. Doutor Urbano Tavares Rodrigues  
Prof. Doutor Lourenço do Rosário  
Dr. Gustavo Rubim  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria das Graças Moreira  
de Sá  
Dra. Maria Helena Santana  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Eduarda Borges  
dos Santos  
Dra. Maria Helena Duarte Santos  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Irene Ramalho  
Santos  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria do Rosário Girão  
Ribeiro dos Santos  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria de Fátima  
Marinho Saraiva  
Dra. Ana Dulce Seabra  
Dra. Ana Margarida Falcão Seixas  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Teresa Seruya  
Dra. Celina Silva  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria de Fátima Sousa  
Silva  
Prof. Doutor Jorge Fernandes da Silveira  
Dr. Osvaldo Alves Pereira Silvestre  
Dra. Aura Simões  
Dra. Maria João Figueiredo Simões  
Prof. Doutor Pedro J. Calafate Villa  
Simões  
Dr. Carlos Mendes de Sousa  
Prof. Doutor Miguel Tamen  
Prof. Doutor Giuseppe Tavani  
Prof. Doutor Gilberto Mendonça Teles  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Valeria Tocco  
Dra. Helena Maria Ribeiro Almeida  
e Costa Toipa  
D. Manuel de Almeida Trindade  
Luís Forjaz Trigueiros  
Dr. Augusto Taborda de Vasconcelos  
Prof. Doutor Albino de Bem Veiga  
Prof. Doutor Telmo Verdelho  
Dr. António Carlos Villaça

Os artigos não assinados foram  
elaborados na Secretaria-Geral

Português do Oriente, nos começos do séc. XVII.

B. prima pela escrupulosa consciência de historiador, revelando as grandes dificuldades no apuramento da verdade. Imparcial e severo, pinta vigorosamente a realidade, fugindo todavia à concisão e à elegante sobriedade dos modelos latinos que pretendeu imitar. Objectivo e bastante minucioso, as suas descrições abundam em pormenores, que poderão interessar, mais pelas informações históricas do que pela sensibilidade estética. Dominando uma sintaxe clara e escorreitada, deixa-se arrastar, quase sempre, pelas malhas do simples relato, esquecendo o brilho estilístico que se dilui nas copiosas informações que nos transmite. Como afirma no *Prólogo da Década XIII*, as suas preocupações estão mais dirigidas à vertente histórica, porque «a história é a alma da vida, para que conforme a ella saibam os presentes pelos passados dispôr e ordenar o futuro».

*Pedro Balau Custódio*

### BOCARRO FRANCÊS (Manuel)

A si próprio se apresenta como médico, filósofo e matemático (Lisboa, 1588-Florença, 1662). Em 1626, sentindo-se perseguido em Portugal, vai para Roma, onde vive alguns anos. Fixa depois residência em Hamburgo, adoptando o nome de Jacob Rosales. Por volta de 1655, regressa a Itália, estabelecendo-se em Livorno. Morreu a caminho de Florença onde ia tratar a duquesa Strozzi.

A primeira das *Anacefalioses*, única das quatro que foi editada, compõe-se de 131 oitavas heróicas, de reduzido valor literário, mas onde é evidente a influência de Camões. Evoca o passado glorioso de Portugal e atribui a decadência presente à moleza da monarquia, ao gasto sumptuoso, à covardia dos cortesãos. Manuel Bocarro espera que a descendência de Afonso Henriques ressuscite as antigas glórias, e apoiado em deduções astrológicas prediz que a monarquia portuguesa há-de ser a última e mais poderosa do mundo, destinada a governar o Quinto Império. Profetiza o fim das heresias e o estabelecimento de uma única Igreja sob a autoridade espiritual do

sucessor de Pedro. Não pode, contudo, fixar datas: «É das Estrelas todo o Fado incerto, / inclinante somente e não forçoso» (est. 129). A liberdade do homem isenta-o de determinismos astrológicos e o poder de Deus pode alterar o rumo dos acontecimentos.

Dedicada a Filipe IV, ficamos sem saber, ao certo se é a ele, se a D. Teodósio, se ao futuro D. João IV que se destina o domínio do Quinto Império. Protesta, no Prólogo, a sua fidelidade à Igreja, mas na reedição de 1664, em Hamburgo, M. B. suprime o nome de Cristo e faz surgir o de Bandarra, acentuando a linha sebastianista do messianismo português. Um irmão, Gaspar Bocarro, em carta de Amesterdão ao embaixador Tristão de Mendonça Furtado, chama a M. B. apóstata ímpio e acusa-o de ter tentado «violentar-lhe a consciência e reduzi-lo aos abusos de sua religião».

OBRAS: *Tratado dos cometas que appareceram em Novembro passado de 1618*, Lx., 1619; *Fasciculus Triumvirarum propositionum*, Florença, 1622; *Anacephaleoses da Monarchia Lusitana*, Lx., 1624. Às oitavas seguem-se *Anotações em prosa*, suprimidas na 2.<sup>a</sup> ed., Lx., 1809; *Luz pequena lunar e estellifera da Monarquia Lusitana*, Roma, 1628; *Status astrologicus Anacephaleosis primoe Monarchie*, Hamburgo, 1644; *Regnum Astrorum reformatum*, Hamburgo, 1644; *Panegyricus in laudem eximii et praestantissimi sapientis nobilisque viri Man. Ben Israel*, Amesterdão, 1639.

BIBLIOGRAFIA: I. S. Révah, «Une famille de 'nouveaux-chrétiens': les Bocarro Francês», in *Revue des Etudes Juives*, 116, 1957, 73-87 (apêndice); José van den Besselaar, *O Sebastianismo-História Sumária*, Lx., 1987; J. Lúcio d'Azevedo, *História dos Christãos Novos Portugueses*, Lx., 1922; id., *A Evolução do Sebastianismo*, Lx., 1947; Hernâni Cidade, *A Literatura Autonomista sob os Filipes*, Lx., s/d; Saul Levi Mortera, *Tratado da Lei de Moisés*, ed. fac-similada e leitura do autógrafo (1659), introd. e comentário por H. P. Salomon, Coimbra, 1988.

*Luís da Silva Pereira*

### BOCCACCIO (Giovanni)

A difusão das obras de Boccaccio (1313-1375) em Portugal deve ser integrada num processo mais amplo, i. é, o da sua divulgação em toda a Península Ibérica. Tendo presente que as obras deste autor eram acessíveis, de modo geral, a um público leitor relativamente vasto, são os mercadores que as lêem quem mais as difunde. Deste modo, é pelas rotas comerciais que ligam os gran-

des centros económicos que se transmitem as letras e as ideias, com maior avidez se tiverem a sua origem na Itália. No que se refere concretamente ao caso de G. B., e contrariamente ao que actualmente se verifica, no contexto ibérico, era menos conhecido como autor do *Decameron*, no início do séc. xv, do que como autor das obras hoje consideradas menores, mas, ao tempo, conhecidas pelo seu pendor moralizante, fossem elas escritas em latim ou em vulgar. Então, são lidas entre nós o *Corbaccio*, o *De Casibus Virorum Illustrium*, o *De claris mulieribus*, o *De Genealogiis Deorum Gentilium*, o *De montibus, silvis, lacubus, fluminibus, stagnis et paludibus et de nominibus maris* e a *Fiammetta*, no original ou em traduções castelhanas e catalãs que rapidamente se difundiam nos círculos intelectuais portugueses. Chegou-se mesmo a levantar a hipótese de a *Elegia di Madonna Fiammetta* ter sido igualmente traduzida para português, se bem que hoje nada ateste a existência de tal versão. Apesar disso, o público leitor teve acesso a esta obra, se não pela tradução catalã feita entre 1436 e 1439 ou pela versão castelhana de 1497, reeditada em Sevilha em 1523, pelo menos através de uma outra edição, a de Lisboa, de 1541. Quanto ao *Decameron*, a difusão desta obra é mais complexa quer porque rapidamente foi classificada como obra licenciosa e indecente, o que provocou a sua inclusão no *Index* de 1564, quer devido à sua extensão, sendo lida, copiada, refundida apenas parceladamente, de acordo com os interesses imediatos. Na Península Ibérica circulavam já no séc. xv várias traduções: uma catalã, de 1429, há indícios de outra de 1440, difundida em cadernos, que tanto poderia ser uma versão castelhana, como uma reimpressão do original italiano, porque nenhum exemplar chegou até à actualidade; e, finalmente, de 1496, há notícia de duas edições em castelhano, sendo uma de Madrid, difundida em cadernos soltos e outra de Sevilha. As traduções portuguesas surgem muito tardiamente e parcelares. Só em 1764 é traduzida a história de Griselda (*Decameron*, X, 10); em 1816, a de Nathan e Mitrídates, por João da Cunha Taborda (*Decameron*,

X, 3), posteriormente reeditada em 1824; em 1875, Mendo Pais apresenta uma selecção do *Decameron*, em tradução e com um estudo introdutório da sua responsabilidade, com o título de *Contos Selectos de Boccaccio*; e, por fim, refira-se a primeira tradução integral desta obra, que só apareceu em 1887, da responsabilidade de Alfredo de Amorim Pessoa, que, na «Introdução», se esforça por combater a imagem de B. institucionalizada pelo tempo, como sendo um escritor dissoluto, e procede à sua reabilitação. Desde então, outras traduções têm divulgado esta obra-prima ao público leitor português: depois da de António Amorim Pessoa, em 1910 a de Bernardo d'Alcobaça; em 1964, a de Urbano Tavares Rodrigues, que viria a responsabilizar-se igualmente por uma selecção de *Histórias Eróticas do Decameron*, editada em 1972; também de 1964, é a de Joaquim de Macedo; em 1971, Esther de Lemos publica *Novelas do Decameron*; em 1976, sai a de Luís Pereira Gil, e, em 1982, a de Fernando Melro.

Apesar desta tardia divulgação da obra de B. em língua portuguesa, cedo, porém, surgem referências a personagens suas, tomam-se outras por modelo ou seguem-se as estratégias narrativas que o autor italiano apresenta nalgumas das suas obras. Gomes Eanes de Zurara demonstra ter conhecido o *De Casibus*, na *Crónica do Conde Dom Pedro* (1463) e na *Crónica do Conde Dom Duarte de Menezes* (1468). No *Cançãoeiro Geral* (1516), de Garcia de Resende, D. João Manuel, nas «Trovas sobre os sete pecados mortais» deixa transparecer alguns traços de *Amorosa Visione*, a par da influência que Dante exerce já na obra de B. Aí, além da viagem em que é conduzido por uma formosa donzela, o tratamento semelhante da natureza e a chegada a um castelo (onde encontra outra dama angelical bem como a exaltação dos feitos do rei D. Manuel) são pontos comuns ao poema alegórico de B., que difere por encontrar no castelo a plena satisfação dos seus desejos, ao deparar com a Glória, a Riqueza, o Amor, a Fortuna, a Virtude e a Sabedoria, além de um jardim maravilhoso, onde vislumbra Fiammetta. Também incluído no *Can-*



*cioneiro*, mas da autoria de Duarte de Brito, é o poema «Em que conta o que a ele e ao outro lh'aconteço com huu Rousynol e muytas cosas que vyo». Nesta longa composição dos namorados infelizes são guiados por um rouxinol, que lhes canta a brevidade do amor, através do Inferno. Lá encontram, entre outros partes de amantes célebres, da mitologia clássica, *Grismonda com Grisca/ com muytas dores,/ que chorava com gram penal/ a gram coyta desygoal/ de seus amores e ainda Pamphilo com Fyometa,/ Grimalte com Gradiesa,/ desesperados*, da novela 1, jornada IV do *Decameron* e da *Fiammetta*. Por último, do *Cancioneiro Geral*, refiram-se ainda a «Tragédia de la Insigne Reina D. Isabel» e as coplas «Del contempto de las cosas hermosas del mundo», do Condestável D. Pedro, além de outras composições menores do mesmo autor, em que é evidente a influência do *De Casibus*, numa perspectiva mais moralizante, retomando-se não só os temas da Morte e da Fortuna, como também as personagens aí enumeradas, que agora desfilam nas coplas, sentindo-se simultaneamente ecos de outras obras, como do *Filostrato* e da *Fiammetta*.

No entanto, é esta última obra, a *Elegia di Madonna Fiammetta*, que vem criar a atmosfera propícia para a composição da *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro. Ligam-nas o mesmo carácter sentimental e feminista, o tom confidencial inicialmente adoptado, a narração de primeira pessoa a cargo da própria heroína, o preâmbulo e a dedicatória a um público leitor específico, o feminino (diferindo, no entanto, no facto de a «menina» não endereçar a sua obra à generalidade das suas possíveis leitoras), a valorização da dor e do sofrimento da mulher, o motivo da ausência do amigo, o papel determinante das personagens que desempenham o papel de ama, a mesma submissão à Fortuna, os «avisos divinos» que prenunciam um desfecho infeliz para as paixões que, de seguida, despertam ou para um futuro a curto prazo, acentuando, por sua vez, o carácter fatalista de que se revestem as duas obras. A introspecção e auto-análise condicionam uma composição desorde-

nada, em que o discurso mais parece obedecer aos sentimentos, desgostos, sofrimentos, acontecimentos funestos do que à força da razão. Por consequência, do ponto de vista estilístico, este aspecto traduz-se no uso do *adynaton* ou *impossibilia* em ambas as novelas e serve para exprimir a intensidade da dor, tornando-se o discurso num modo de desabafo, mas simultaneamente, numa necessidade de autocomprazimento na própria amargura. Aproximam ainda as duas obras uma concepção de amor semelhante, de feição trágica, embora se diferencie porque na *Fiammetta* prevalece uma tónica mais sensual e adúlterina, a que não é alheio um complexo de culpa por parte da protagonista, enquanto na *Menina e Moça* é de tom mais espiritual, mais conforme a moral tradicional. A concepção pessimista da vida, a ideia constante de que qualquer mudança se faz para pior, o desejo de evasão, pela morte ou pela busca da solidão, longe da vida agitada da cidade ou do ambiente da corte, são elementos comuns que conduzem as personagens a uma atitude de derrota perante a vida. Já no que se relaciona com o espaço circundante, a natureza, enquanto reflexo dos sentimentos e estados de alma das personagens e pano de fundo para a acção, distingue-se pelo tratamento mais realista e verosímil que Bernardim Ribeiro lhe confere, embora o ambiente doméstico seja predominante nas duas obras. Assim, colhendo do autor italiano alguns elementos, Bernardim Ribeiro compôs um quadro novo, marcado por uma maior simplicidade de estilo, uma expressão de sentimentos talvez mais sincera e um clima poético mais profundo.

A recepção produtiva do *Decameron* em Portugal que melhor denuncia a popularidade da obra boccacciana entre nós aparece em 1571: *Os Contos e Histórias de Proveito e Exemplo*, de Gonçalo Fernandes Trancoso. Além da retomada «directa» de algumas novelas de G. B., como são as histórias de Griselda (*Dec.*, X, 10) e de Tito e Gisipo (*Dec.*, X, 3), Trancoso adapta outras à realidade sociocultural portuguesa, aproveita temas e motivos de diferentes novelas para lhes conferir um novo tratamento, serve-se

do mesmo pretexto para a composição da colectânea (a peste), mas estrutura toda a obra de acordo com a moral da época e não de acordo com temas distribuídos por jornadas. Precisando, no entanto, estes dados, verificamos que a novela de Griselda, nos *Contos de Trancoso*, segue a versão corrente na Península naquela altura e que Timoneda também inclui no *Patrañuelo*, i. é, a versão que Petrarca compusera a partir do original de B., dando mais relevo à figura e às qualidades da protagonista feminina e obscurecendo a do marquês de Saluzzo. Trancoso procede ainda a ligeiras alterações, procurando ajustar a história à ideologia e aos valores dominantes na sua época. Na história de Tito e Gisipo, Gonçalo Fernandes não só lhes alterou os nomes para Fabrício e Cornélio, como transpôs toda a acção de Atenas e Roma para Coimbra de Lisboa. Somos levados a crer que se serviu do original italiano, porque, apesar de não reproduzir o longo solilóquio de Tito, tenta compensar essa lacuna, introduzindo um parágrafo em que resume o conteúdo daquele, facto que não acontece na versão castelhana de Timoneda. Neste caso também se introduzem ligeiras alterações, como é o caso da consumação do casamento de Tito/Cornélio ou a recompensa final do verdadeiro assassino, a fim de não questionar a ética e a moral do seu tempo. São adaptações livres de novelas do *Decameron*, os contos 1 e 2 da II parte dos *Contos e Histórias*, que seguem um enredo semelhante ao das novelas *Dec.*, III, 9 e II, 3, respectivamente. Todavia, quer a caracterização das personagens, quer o tratamento do espaço, é feito de modo diverso, procedendo-se a uma adaptação ao contexto, à cultura, aos valores nacionais. Apesar disso, são recorrentes temas boccaccianos, como o da astúcia feminina, o dos ditos engenhosos ou o do marido ofendido, entre outros, mas a preocupação moralizante do autor faz esbater a sua importância e, por isso, o princípio estruturante desta obra obedece a um critério catequizante, dando relevo às virtudes cardiais, às virtudes teológicas, ao Decálogo, às obras de misericórdia e às bem-aventuranças. Resulta, assim, uma

obra marcada pela sua simplicidade discursiva, apta a facilitar a compreensão da mensagem que se propunha transmitir, facto que contribuiu para que os *Contos e Histórias* se tornassem um dos livros mais lidos durante o século seguinte no nosso país.

Confirmava-se deste modo a popularidade de B. em Portugal. Por esse motivo, a partir de então foi reconhecido como um mestre na arte de contar e as poéticas passaram a considerá-lo como um modelo a seguir. Apenas a título de exemplo, refira-se a *Arte Poética* (1748), de Francisco José Freire, o nosso Cândido Lusitano, que, entre outros nomes, cita B. para apoiar as suas tomadas de posição.

BIBLIOGRAFIA: D. M. Menéndez y Pelayo, *Orígenes de la Novela*, t. II, Madrid, 1907; G. Carlo Rossi, *A Literatura Italiana e as Literaturas de Língua Portuguesa*, Porto, 1973; id., «Il Boccaccio nelle Letterature in Portoghese», in *Studi sul Boccaccio*, vol. VIII, Florença, 1974, pp. 273-310; António Salgado Júnior, «A *Menina e Moça* e o romance sentimental do Renascimento», in *Labor*, anos XII-XIV, 1937-1940, n. 85-86; Herculano de Carvalho, «A influência Italiana em Bernardim Ribeiro», in *Miscelânea de Estudos em Honra do Professor Hernâni Cidade*, Lx., 1957, pp. 121-133; João Malaca Casteleiro, «A Influência da *Fiammetta* de Boccaccio na *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro», in *Ocidente*, vol. LXXIV, 360, 1968, pp. 145-168; Paulo Meneses, «A *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro e a tradição ítalo-castelhana do 'romance sentimental' do Renascimento», in *Os Estudos Literários (entre) Ciência e Hermenêutica*, vol. I, Lx., 1990, pp. 211-221; Ettore Finazzi-Agrò, *A Novelística Portuguesa do Século XVI*, Lx., 1978; Cesarina Donati, «Trancoso traduttore di Timoneda», in *Arquipélago*, 1983, pp. 65-94; Manuel Ferro, «Aspectos da recepção do *Decameron*, de Boccaccio, nos *Contos e Histórias*, de Trancoso», in *Estudos Italianos em Portugal*, 51/52/53, 1988-1990, pp. 179-206.

Manuel Ferro

## BOÉMIA NOVA

Sintomaticamente arvorada em «jornal de ideias modernas, de orientação moderna, de moderníssima escola», sob a direcção do jovem Alberto d'Oliveira («redactor-em-chefe», com o pseudónimo de Dr. Fausto), esta revista de Coimbra teve, entre Fevereiro e Abril de 1889 (6 números), papel bandeirante e decisivo na alteração estético-literária que colocou o fim-de-século português sob o signo do Decadentismo, do Simbolismo e de tendências neo-românticas (diver-